

SKATE E MULHERES NO BRASIL: FRAGMENTOS DE UM ESPORTE EM CONSTRUÇÃO

Dr^a. MÁRCIA LUIZA MACHADO FIGUEIRA

Licenciada em educação física (Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT)

Mestre e doutora em ciências do movimento humano

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

Professora da rede municipal de ensino de Porto Alegre

Membro do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (Grecco)

E-mail: marfig@terra.com.br

Dr^a. SILVANA VILODRE GOELLNER

Doutora em educação

Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (Grecco)

Pesquisadora Produtividade Pesquisa do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

E-mail: goellner@terra.com.br

RESUMO

Considerando que o skate é representado como uma prática culturalmente associada ao masculino, esta pesquisa analisa a pouca visibilidade conferida, no Brasil, às mulheres que dele participam. Para tanto, fundamenta-se em vertentes dos estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas para discutir como os discursos que circulam na mídia brasileira sobre o skate produzem aquilo que nomeiam ou que deixam de mencionar. Foram analisados documentos de diferentes naturezas os quais possibilitaram identificar que o skate é atravessado por relações de poder, promovendo vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres, sendo que para elas, diferente do que para eles, esse parece ser ainda um esporte em construção.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; gênero; mulheres.

O SKATE COMO UM ESPORTE CONTEMPORÂNEO

Aventura, risco, destemor e desafio são palavras associadas ao que se denomina, na sociedade contemporânea, de “esportes radicais”. Além do *skate*, modalidades como o *surf*, arvorismo, *trekking*, alpinismo, para-quedaismo, *rafting*, montanhismo, *snowboard*, e *bodyboard*, entre outras, inserem-se nessa denominação, cuja prática reorganiza o sistema esportivo tradicional possibilitando a criação de novos gestos e espaços esportivos. Para além de força, resistência e flexibilidade, essa outra gestualidade exige domínio e, sobretudo, um controle informacional sobre o corpo, pois “a hábil pilotagem dessas máquinas (*surf*, *skate*, pranchas, asas delta, caiaques...) produz novos gestos acrobáticos e aéreos, permite a exploração de novas energias, busca novas sensações e abre novos espaços de jogos” (POCCIELO, 1995, p. 117).

Considerando que o *skate*, em distintos contextos, é representado como uma prática culturalmente associada ao universo masculino mais que ao feminino, esta pesquisa analisa a pouca visibilidade conferida, no Brasil, às mulheres que participam desse esporte, principalmente nas narrativas que mencionam a sua historicidade. Para tanto, busca fundamentação em vertentes dos estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas para discutir como as produções discursivas que circulam em torno do *skate* brasileiro produzem aquilo que nomeiam ou que deixam de mencionar. Em outras palavras: a escassez de referências acerca da existência de mulheres praticantes de *skate* não implica afirmar sua ausência nesse esporte. As fontes aqui revisitadas indicam que desde seus primórdios elas vêm protagonizando diferentes formas de vivenciá-lo em que pese o silêncio narrativo sobre essa presença.

Vale lembrar que a narrativa historiográfica é uma construção discursiva que pode fazer lembrar e, também, fazer esquecer, na medida em que, ao contar sobre um tempo que já não é, tanto celebra o que deve ser lembrado quanto invisibiliza o que deve ser esquecido. Nas palavras de Michel de Certeau: “Toda a pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural e está submetido a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade” (1982, p. 66). Razão pela qual, “o mesmo objeto de investigação pode ser interpretado por diferentes práticas discursivas [...] ao mesmo tempo em que, em cada uma dessas práticas, há diferentes leituras interpretativas no tempo e no espaço” (JENKINS, 2004, p. 24).

Por partilharmos da percepção de que a história não representa o passado, mas traduz-se em uma discursividade sobre o passado, analisamos fontes primárias e secundárias cujo conteúdo narrava aspectos referentes ao *skate* no Brasil seja naquilo que evidenciavam, seja nos silenciamentos que produziam. Para tanto foram pesquisados livros, artigos acadêmicos, revistas esportivas especializadas, sites, zines, blogs,

reportagens jornalísticas, documentos oficiais, entre outros. No entrecruzamento dessas fontes foi possível perceber dissonâncias na narrativa historiográfica sobre o skate, principalmente, no que respeita a inserção e permanência das mulheres nessa prática, nas quais, não raras vezes, sequer são mencionadas.

FRAGMENTOS HISTÓRICOS DE UMA PRÁTICA ESPORTIVA URBANA

Vários são os autores e as autoras que identificam a origem do skate como uma variação e também como uma alternativa à prática do *surf* em espaços nos quais não havia a possibilidade de “pegar onda” (BITENCOURT et al., 2005; HAMM, 2004; UVINHA, 2001). Essa identificação é assim assumida porque seu início está vinculado aos surfistas californianos do início da década de 1960, que, ao adaptarem rodas em uma prancha com dimensões menores, criaram o objeto skate. No Brasil, é na mesma década que se tem registro dos primeiros praticantes de skate, também surfistas que o conheceram na Califórnia quando lá estiveram (BITENCOURT et al., 2005; UVINHA, 2001; BRITTO, 2000; BASTOS, 2005). Sua rápida disseminação fez emergir, a partir dos anos de 1970, os primeiros circuitos e campeonatos bem como a ampliação do número de skateparks – locais específicos com pistas para a sua prática. Esse movimento caracterizou o princípio do processo de esportivização¹ do skate brasileiro.

Segundo as fontes consultadas, a primeira pista da América Latina foi inaugurada em 1976 na cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, local onde foi realizado, em julho de 1977, o primeiro campeonato brasileiro de skate. A partir de então, novos skateparks começam a alterar a arquitetura das cidades. Nos anos de 1970 foram construídas as pistas *Wavepark* e *Franet* em São Paulo e a pista de Campo Grande no estado do Rio de Janeiro (CHAVES, 2005). No Rio Grande do Sul foi construída, em 1978, a pista *Swell* na cidade de Viamão e, em 1979, a Pista do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre (GRAEFF; PETERSEN-WAGNER, 2005, p. 62). No entanto, foi no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 que o esporte se expandiu com a construção de skateparks por todo o país, aumentando significativamente o número de praticantes e de competições.

Mais do que fazer uma história dessa modalidade esportiva, interessa sublinhar que o skate se traduz em uma prática urbana que captura tanto homens quanto

1. Segundo González (2005), esportivização pode ser entendido como o processo de transformação de práticas corporais originadas em contextos não competitivos e, particularmente, não institucionalizadas em modalidades esportivas, assumindo os códigos do esporte de rendimento quando não foram originalmente concebidas com este sentido. Cita como exemplo o judô, o karatê, a ginástica aeróbica de competição e o skate.

mulheres². No Brasil, sua difusão promoveu a eclosão de uma indústria especializada na criação de uma série de produtos e serviços direcionados para a sua realização e divulgação, tais como publicações específicas³, marcas de roupas e calçados⁴, sites, programas televisivos⁵, entre outros.

Essa circularidade do skate em diferentes instâncias culturais, ao mesmo tempo em que possibilitou sua expansão e afirmação como uma prática esportiva e de lazer, contribuiu para a consolidação de um mercado crescente e promissor, evidenciando que essa modalidade, assim como várias outras, vive e, por vezes, se alimenta da sua mercadorização⁶.

Apesar da consolidada presença do skate nas cidades brasileiras, interessa perceber que muitas das narrativas que reportam a sua existência nem sempre nomeiam alguns grupos sociais e sujeitos que dele participam. Ao relacionar essa afirmação com questões de gênero, apontamos para as inúmeras distinções existentes, no Brasil, entre a visibilidade conferida a mulheres e homens que participam do universo cultural do skate. A naturalização da adesão e permanência de sujeitos do sexo masculino nessa prática é de tal modo naturalizada que não precisa ser dito, nomeado ou chamado a ver. Razão pela qual as suas narrativas, de modo geral, se referem a eles – os *skatistas*, atletas, espectadores, comentaristas, dirigentes editores – como os sujeitos desse esporte.

Ao analisar as formas como se estabelecem as posições de sujeitos no interior de uma cultura, Guacira Louro (2005), tece algumas reflexões que podem ser aproximadas da análise que estabelecemos acerca da hierarquização que se estabelece entre o skate masculino e feminino no Brasil. Quando explicita que cada cultura estabelece o que é considerado o normal, o diferente e o excêntrico, por exemplo no que se refere ao gênero e à sexualidade, evidencia que a posição cen-

-
2. Conforme registra a Confederação Brasileira de Skate, segundo pesquisa DataFolha realizada em setembro de 2006, por volta de 3.200.000 domicílios brasileiros possuem pelo menos um morador que tem um skate, número que corresponde a aproximadamente 6% dos lares brasileiros. Desse contingente, 8% são do sexo feminino. Segundo o *Atlas do esporte no Brasil*, os esportes radicais, entre eles o skate, agregam mais de oito milhões de praticantes no país (DA COSTA, 2005).
 3. As revistas especializadas com destaque no mercado editorial brasileiro são *100% Skate* e *Tribo Skate*.
 4. Destacam-se as marcas *Pixel*, *Element* e *Hooks* e os calçados *Freedom Shoes* e *Globe*. Há ainda marcas exclusivamente femininas, como a *Mary Jane*.
 5. O canal ESPN Brasil frequentemente veicula informações sobre o esporte, transmite campeonatos nacionais e internacionais ao vivo e veicula um programa quinzenal intitulado *Skate Paradise*.
 6. A mercadorização do esporte é entendida aqui como a "extensão da lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo, de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos" (BRACHT, 2002, p. 196).

tral é considerada a posição não-problemática, sendo que todas as outras posições de sujeito, de alguma forma, estão ligadas e subordinadas a ela. A posição central, nesse caso específico, é ocupada pela identidade masculina, branca e heterossexual e em função da qual todos os “diferentes” são nomeados.

Aproximando essa argumentação do campo do esporte, mais especificamente ao skate brasileiro, é notória a posição de centro ocupada pelos homens que, em virtude disso, é tomada como a referência. As mulheres são as outras, estão à margem e, por assim ser, disputam posições de sujeito pois como qualquer produto da cultura, o skate é um território pleno de embates, inclusive de gênero. Um espaço que demanda disputas por significação e existência.

Problematizar essa hierarquização significa desconstruir os discursos que afirmam o lugar privilegiado de quem está no centro. Afinal, é exatamente e re- citação contínua desse lugar como posição central que “nos faz acreditar em sua universalidade e permanência, nos ajuda a esquecer seu caráter construído e nos leva a lhe conceder a aparência natural” (LOURO, 2005, p. 44).

Para desconstruir aquilo que no skate brasileiro é tomado como “natural”, investimos na busca de fontes cujas narrativas permitissem localizar a presença das mulheres no entorno dessa prática. Nesse sentido, constituiu-se como fonte privilegiada o site *Skate para Meninas*, fundamentalmente pela variedade de informações que põe em circulação. A partir desse site foi possível identificar uma série de fontes que narravam, de forma fragmentária, acontecimentos relacionados ao skate praticado por mulheres brasileiras. Destacaram-se, então, outros sites⁷, blogs⁸, reportagens isoladas em revistas esportivas⁹ ou de comportamento, publicações criadas por mulheres *skatistas*¹⁰, documentação referente à organização de campeonatos, circuitos, *tours*, oficinas, entre outras. A eleição e análise dessas fontes de origens bastante distintas foram realizadas tendo como eixo norteador aspectos relacionados à presença das mulheres no skate, não no sentido de desenvolver uma pesquisa historiográfica, mas, sobretudo, de colocar em suspeição aquelas narrativas que ao se dizerem históricas raramente registram as mulheres, suas conquistas, frustrações e vivências nesse esporte.

7. Mary Jane (<http://www.maryjane.com.br/pags/index.asp?include=home>), Garotas no Comando (<http://www.garotasnocomando.com.br/garotasold/index.htm>), Associação Brasileira de Skate Feminino (ABSFE, <http://www.absfe.blogspot.com>), entre outros.

8. Destacam-se os blogs “Unidas pelo Carrinho” e “Leni Cobra”, entre outros.

9. As revistas *Tribo Skate* e *100% Skate*, com destaque para os dois encartes intitulados *100% SkateGirls*, publicados em 2001 e 2002.

10. Destaque para a revista *Checkit Out*.

Tomando como inspiração o método indiciário¹¹, tal qual propõe Carlo Ginzburg (2003) vasculhamos nessas reminiscências detalhes e minúcias, muitos deles marginais, porém reveladores, para trilhar, mesmo que de forma descontínua, alguns vestígios que contassem algo sobre o skate feminino no Brasil, dado que oficialmente, ele parece inexistir¹². Optamos por esse percurso metodológico por entendermos que todas as práticas, representações, ideias e discursos assim o são porque foram produzidos (dessa forma e não de outra qualquer) em determinado tempo, cultura e sociedade. Portanto, não se revela como a “verdade” mas uma produção discursiva que a cria e institui. A participação das mulheres no skate brasileiro deve ser entendida nessa perspectiva.

MULHERES SKATISTAS: ESTRATÉGIAS PARA SE FAZER VER

No Brasil, estudos historiográficos sobre a participação das mulheres no âmbito do esporte e da educação física tem-se constituído como uma possibilidade investigativa de várias autoras e autores¹³. A despeito das diferentes correntes epistemológicas e metodológicas que utilizam para analisar essa presença, cabe mencionar que esses textos possibilitam tornarem-se visíveis trajetórias particulares que, de uma maneira ou outra, construíram e constroem histórias sobre o esporte nacional.

Motivadas pelas indagações sobre a ausência de referências ao skate feminino em vários veículos que tematizam esse esporte, seguimos o rastro de alguns desses estudos, para trazer do esquecimento histórias invisíveis. Tal intenção aflorou da leitura de uma publicação produzida com o objetivo de narrar a história do skate brasileiro entre os anos de 1970 a 2000. Intitulado *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, editado por Eduardo Britto, o livro apresenta 105 páginas e nela há apenas uma ínfima referência às mulheres na qual o editor informa que, no ano de 1995, foi realizado na ZN Skatepark, em São Paulo, o 1º campeonato feminino da década, vencido por Giuliana Ricomini (2000, p. 62).

11. Segundo Ginzburg, o que caracteriza o saber historiográfico é a capacidade de, a partir de dados negligenciáveis, remontar a realidade complexa não experimentável diretamente. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador de modo tal a dar lugar a uma sequência narrativa (2003, p. 152).

12. O site da Confederação Brasileira de Skate não menciona dados sobre o skate feminino. Os rankings e eventos que divulga são apenas do masculino – o referente. Essa histórica ausência motivou algumas skatistas a criarem, em 2002, ABSF.

13. Essa afirmação pode ser observada nos anais das últimas edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, do Encontro de História da Educação Física e Esporte e do Seminário Internacional Fazendo Gênero, cujas duas últimas edições apresentaram um seminário temático intitulado “Gênero e práticas corporais e esportivas”.

A invisibilidade apresenta-se, ainda, naquilo que a publicação mostra como imagens significativas desse esporte. Nele aparecem mais de setenta fotos com atletas fazendo manobras radicais: nenhuma delas é de uma *skatista*. Nas suas páginas vemos apenas duas imagens de mulheres e essas são bastante emblemáticas para movimentar análises a partir da dos estudos de gêneros. Na primeira delas, aparece a vencedora do primeiro campeonato dos anos de 1990. No entanto, a atleta não é fotografada em ação como são os homens: Giuliana Ricomini está de costas, segurando o *skate* e revelando para as lentes do fotógrafo a imensa tatuagem que colore quase toda essa parte de seu corpo, que está descoberta. A leitura que fazemos dessa construção textual, em nenhum momento é atribuída a alguém que acabou de vencer um campeonato de *skate*. O que se vê é um belo corpo tatuado.

A outra fotografia exhibe uma modelo desfilando em um evento de moda realizado em São Paulo, em 1995, no qual representa a loja *Mad Corner*. A imagem exibida é de uma mulher cruzando a passarela com a parte de cima do corpo sem roupa tendo seus seios cobertos apenas por um *skate*.

Se pensarmos que a cultura relaciona-se com a produção e troca de significados entre membros de uma sociedade, como nos fala Stuart Hall (1997), podemos pensar, ainda, que as imagens são determinantes na produção dos significados atribuídos aos corpos e as subjetividades nas sociedades contemporâneas. Afinal, os programas de TV, a publicidade, o cinema, as fotografias de jornais, as pinturas etc., traduzem o mundo em termos visuais. Tradução essa que nunca é inocente pois essas imagens interpretam o mundo, apresentam-no de formas bem particulares (ROSE, 2001).

As mulheres que são exibidas no livro *Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil* são figuras ilustrativas no cenário de uma história protagonizada por homens. Nesse contexto, não importa mostrá-las deslizando nas pistas ou arriscando manobras em gestos certos. A maneira como estão ali colocadas falam de um outro lugar, e esse certamente não é o de ação sobre o *skate*. As únicas duas imagens publicadas legitimam representações normatizadas de feminilidade circunscrivendo as mulheres universo da beleza, delicadeza e graciosidade. O que se vê são duas mulheres belas, expondo seus corpos e não seus atributos esportivos – o que, em tese, deveria ser o motivo primeiro para se fazerem presentes um livro que tem como mote contar alguns fragmentos da história do *skate* nacional.

Na contramão dessa narrativa, recorremos a outros registros, muitos deles produzidos por *skatistas* mulheres. Esses vestígios marginais, porém reveladores (GINZBURG, 2003), possibilitaram a reconstrução de pequenos fragmentos nos quais as *skatistas* figuram como protagonistas. Por esse motivo, tornou-se fonte privilegiada

um exemplar do *zine* *Check It Out Girls*"¹⁴, publicado em 1999 por *skatistas* paulistas com objetivo divulgar o *skate* feminino no Brasil e no mundo¹⁵. Nas páginas que o integram é possível identificar muitas alusões às mulheres, diferentemente do que Eduardo Brito publicou no seu livro. A reportagem "Evolução", assinada por Lisa Araújo fornece indícios de que, desde os anos de 1980, as mulheres já praticavam o *skate* participando, inclusive, de campeonatos.

Em 1970 já existia *skate* feminino nos EUA, então lá é muito natural o respeito e o alto nível das *skate girls*. No Brasil, em 1980, o *skate* feminino era representado por Leni Cobra, Mirinha, Mônica Polistchuck e outras, correndo campeonatos com os garotos. Infelizmente, as garotas da antiga não estão mais na ativa, pois se estivessem, estariam detonando como as gringas. Elas devem ter desanimado pela falta de apoio e incentivo da época e mudaram suas vidas. No entanto, só em 95 que a categoria voltou com tudo, representada pelas rankiadas de hoje, que não se deixaram abater. Correm campeonatos, viajam pras roubadas e treinam pra evoluir. Também estão surgindo novas revelações garotas que começam a andar mandando flips e descendo corrimãos. Esse é um dos méritos do *skate* feminino em sua evolução pois o espaço aberto dá oportunidade para as garotas se atirarem mais (ARAÚJO, 1999, p. 1).

A narrativa aqui é outra: menciona campeonatos, atletas, manobras, ousadias, evolução. As imagens publicadas também são outras: as mulheres estão em ação no *skate*, realizando diferentes manobras. Aqui são as suas *performances* que protagonizam a cena.

A partir das informações publicadas nesse *zine* e em contato com algumas *skatistas*¹⁶ foram garimpadas outras fontes como, por exemplo, uma reportagem publicada no site *SkateCultura.com* a qual mencionava várias conquistas de Leni Cobra, reconhecida como a primeira brasileira campeã de *Street Style*:

Uma das garotas que foi bem atuante e revolucionou a prática do *skate* feminino no Brasil, ainda na década de 80, é Leni Cobra. Para quem não sabe, a lendária Leni Cobra contribuiu muito para o crescimento do esporte, abrindo portas para o *skate* feminino. Entre os vários títulos da sua coleção, Leni foi a primeira campeã brasileira de *skate* feminino da

14. Esse *zine* originou a revista *Check It Out*, que é publicada nos Estados Unidos e tem como editoras duas *skatistas* brasileiras: Lisa Araújo e Luciana Ellington.

15. O acesso a esse material foi possível através da *skatista* e organizadora do site *Skate para Meninas*, Evelyn Leine, que permitiu sua reprodução.

16. Em setembro de abril de 2006 foram entrevistadas, em São Paulo, Marta Linaldi, Evelyn Leine e Priscila Moraes. Por e-mail foram realizadas entrevistas com Larissa Carollo e Karen Jones (2007). As entrevistas foram processadas segundo os procedimentos adotados pelo Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Esef-UFRGS) e integram o projeto "Garimpando Memórias".

história. Ainda em 1987, ela conquistou o título mais importante de sua carreira, sendo a primeira campeã brasileira de street style, no campeonato realizado em Guaratinguetá. Além disso, ela foi a primeira mulher no Brasil a acertar manobras como ollie, ollie flip, ollie to fakie, ollie 180 e rockslide em um campeonato. Leni também colaborou em vários campeonatos, sendo juíza. Vale ressaltar que, ao longo de sua carreira, ela contou com vários patrocínios importantes, como Urgh!, Brand-X, Town and Country, Star Point, Rainha Shoes, Lifestyle, entre outros (MACHADO, 2006, p. 1).

A reportagem apresentava, ainda, a imagem digitalizada de uma entrevista concedida por Leni Cobra à extinta revista *Yeah*, dos anos de 1980 e a fotografia da medalha que conquistou no 1º Campeonato Brasileiro de Skate, em 1987 atestando, de certa forma, o seu ineditismo.

Outro vestígio que menciona a presença das mulheres no skate brasileiro foi o *ranking* organizado pela Associação Brasileira de Skate Feminino (ABSFE)¹⁷ relativo ao ano de 1997. Nele aparece a classificação de 33 atletas cuja procedência remonta a diferentes cidades: São Paulo, Ribeirão Preto, Goiânia, Niterói, Rio de Janeiro, São Bernardo do Campo, Curitiba, Brasília, Bauru, Taguatinga. No *ranking* de 1998 figuram novas cidades: Nova Iguaçu, Irajá e Campo Grande, ou seja, o skate feminino acontecia em diferentes espaços urbanos brasileiros.

Para além desses registros, na edição comemorativa aos dez anos de existência da Revista *100%Skate*, publicada em julho de 2006, há uma matéria assinada pela *skatista* e webmaster do site *Skate para Meninas*, Evelyn Leine. Denominada "Três gerações do skate feminino", a autora entrevista as *skatistas* Giuliana Ricomini¹⁸, Marta Linaldi¹⁹ e Letícia Bufoni e Silva²⁰ que descrevem sua trajetória no esporte bem como suas percepções acerca do skate feminino no Brasil. Depois de detalhar cada entrevista Evelyn registra:

17. Fundada por *skatistas* mulheres em agosto de 2002 na cidade de São Paulo. Segundo o site oficial da associação: "ABSFE é um órgão que visa o bem estar social das atletas praticantes do skateboard. Aqui é um meio de conscientizar e divulgar o skate feminino tanto nacional, como em outras localidades. Gerando a união das *skatistas*, tem como objetivo: unir as atletas e desenvolvê-las; estipular regras para julgamento feminino, premiação, categoria; fiscalizar os campeonatos para que estejam dentro das normas, verificar se os mesmos trazem benefícios; Criar vínculos a outros estados brasileiros para que o desenvolvimento seja igual a nível nacional e trazer propostas e exemplos de resultados bons internacionais para o Brasil". (Disponível em: <<http://absfe.blogspot.com/2006/09/absfe-associacao-brasileira-de-skate.html>>. Acesso em: 15 set. 2008.)

18. Em julho de 2008: 31 anos e 18 de skate. Anda de skate desde o início dos anos de 1990. Correu o campeonato *Check It Out Girls*, em 1995, em São Paulo, e *All Girls Skate Jam*, em 1999, nos Estados Unidos.

19. Em julho de 2008: 23 anos e 10 de skate. Faz parte de uma geração que fortaleceu com a criação da ABSFE.

20. Em julho de 2008: 14 anos e 4 de skate. Já correu vários campeonatos (o primeiro em 2004), tem patrocinador e vem-se destacando a cada competição.

O fato é que, no decorrer de tantos anos de história no skate feminino brasileiro, muitas coisas mudaram. Mas, apesar de muitas barreiras terem sido quebradas, o skate feminino tem muito que evoluir. Giuliana, Marta e Letícia comprovam isso contando um pouco de suas trajetórias em diferentes épocas (LEINE, 2006a, p. 98).

Ao dialogar essas diferentes fontes de investigação, é possível apontar caminhos distintos que ora mais, ora menos possibilitaram a aparição das *skatistas* brasileiras. Os exemplos trazidos ao texto sinalizam o quanto os discursos produzem os sujeitos que nomeiam ou, ainda, que tornam invisíveis. Com isso estamos a afirmar que a pouca visibilidade que as *skatistas* brasileiras têm resulta, não da sua ausência nesse esporte mas, fundamentalmente, da construção de uma rede discursiva que as posiciona nas margens seja no passado, seja no presente.

Representativa dessa diferenciação de posição de sujeito ocupada atletas homens e mulheres dessa modalidade esportiva foi a distinção que a mídia brasileira, inclusive especializada em *skate*, fez acerca da participação de *skatistas* no circuito internacional no ano de 2005. Ao relatar as conquistas que o *skate* brasileiro teve na Europa, o editor da revista *100%Skate* assina uma coluna denominada “Dando Ideias” na qual registra: “Sandro Dias Mineirinho foi o campeão do circuito europeu no vertical, Daniel Vieira alcançou o mesmo no street. De quebra, esse foi ainda o primeiro brasileiro a vencer na Alemanha na sua modalidade. Não é pouca coisa” (MURARO, 2005, p. 114).

Nesse mesmo circuito também participou e obteve a conquista do título de Campeã Mundial do Vertical Feminino, a atleta Karen Jones, única atleta brasileira a conseguir essa vitória. No entanto seu nome sequer é mencionado. As conquistas relatadas pelo editor são do *skate* masculino – o referente.

Karen Jones tão logo venceu o campeonato enviou um *e-mail* ao site *Skate para Meninas* que foi publicado na íntegra com o título “Campeã Mundial”. Começamos a atleta:

Só mando notícias agora porque tem net aqui no campeonato, é a primeira vez que sento com calma na frente do computador. Falando especificamente do Vert Feminino rolou competição. Eu vim para correr com os caras [...] então foi muito melhor do que eu esperava. Andei de boa, acertei tudo, isso me deixou mais feliz! No final da session eu achava que tinha ganho (humilde né) haha mas não contava na certeza porque sabe como são as coisas nesses campeonatos, as vezes algum nome pesa mais que o skate [...] Foi a maior festa. Eu ganhei no feminino, o Mineirinho no masculino e o Daniel Vieira no street [...] só faltou o street feminino pra gente levar tudo (JONES, 2005, p. 1).

Nesses excertos podemos evidenciar dois enunciados que falam de um mesmo circuito e das conquistas de um grupo específico – “*skatistas* do Brasil”. No

entanto, um deles negligencia a vitória da atleta brasileira que compete na categoria vertical feminino mesmo que tenha, junto com o grupo citado, conquistado um título bastante significativo para o skate nacional. Aqui podemos pensar, tal qual evidenciou Michel Foucault (2005), que os enunciados posicionam os sujeitos de modo particular nos discursos. Cauê Muraro, ao ignorar a participação e a conquista de Karen Jones no circuito europeu de 2005, está posicionando apenas uma representação hegemônica de atleta do skate – a do sexo masculino.

Tenha ou não a atleta conseguido um feito na história do skate brasileiro – o título de “Campeã Mundial” – a “naturalização” de que as conquistas mais importantes são dos atletas homens é aqui reafirmada na relação de poder que o editor tem “de dizer quem deve” estar presente no que foi por ele produzido para ser divulgado. Silenciar a respeito do esforço e do trabalho que a atleta imprimiu sobre si para chegar nessa posição, faz parte dessa rede discursiva que reforça a permanência da norma invisibilizando, de certo modo, o skate feminino no Brasil.

Essa afirmação não implica posicionar skatistas no lugar de vítimas. Outrossim, recorreremos às condições de possibilidade que, nesse tempo e espaço circunstancial as posicionam diferentemente dos homens. Ao apontar, aqui, alguns fragmentos de seu protagonismo e as disputas que travam em busca de reconhecimento e significação, destacamos que o esporte, assim como qualquer outra prática social, é um campo generificado de disputa. Ou seja, revela-se como um espaço cujo acontecer está constantemente atravessado por relações de poder. Poder que se expressa através de diferentes formas: nas desigualdades de acesso e permanência no esporte, na quantidade de campeonatos realizados, no maior ou menor espaço disponibilizado pelos diferentes artefatos midiáticos, nas premiações distintas, enfim, em uma série de situações nas quais se evidenciam distinções para homens e mulheres no entorno do skate seja ele praticado como exercício de lazer e sociabilidade, seja ele voltado para a profissionalização²¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o skate, em distintos contextos, ainda é representado, como uma prática culturalmente associada ao universo masculino mais que ao feminino, as mulheres que adentram as múltiplas práticas que o significam necessitam, por vezes, investir esforços que estão para além do aprendizado de sua gestualidade técnica. Necessitam se apropriar, também, de um espaço que é simbólico porque

21. Sobre esse tema ler: Adelman e Moraes (2008), Jaeger (2007), Mourão e Souza (2007), Figueira e Almeida (2007), Souza (2003), Marivoét (2003) e Humberstone (2003).

se estrutura a partir de representações culturalmente construídas e que, por assim serem, são fluídas, cambiantes, instáveis. Apropriação essa que se dá em meio a disputas de poderes, de significações, de saberes, de práticas, enfim, disputas que giram em torno da produção de discursos e das práticas por eles produzidas para posicionar os sujeitos.

Ao analisarmos o material empírico buscamos extrair das fontes algumas rupturas e dissonâncias elegendo apenas algumas delas para aqui descrever e analisar. Os critérios utilizados para tal eleição emergiram da sua própria discursividade, ou melhor, do que afirmam como “verdadeiro” e como posicionam *skatistas* homens e mulheres partir das verdades que proclamam. Cabe, ainda esclarecer que essas “verdades” não foram aceitas sem qualquer desconstrução. As fontes de pesquisa foram tratadas como documentos plenos de materialidade e de fluxos discursivos que denotam intencionalidades na sua produção, divulgação, enunciação. E aqui mencionamos Gilles Deleuze quando afirma que “é preciso apoderarmo-nos das coisas para lhes extrairmos as visibilidades” (apud FRAGA, 2000, p. 97).

Da análise do material empírico apreendemos que as estratégias de visibilidade promovidas pelas *skatistas* em busca da significação da sua ação e do seu posicionamento como sujeitos dessas práticas, evidenciam a dimensão da positividade do poder, conforme cunhou Michel Foucault (2004) ao afirmar que esse é sempre produtivo. Indicamos, portanto, que ao produzirem modos de se fazer ver, as *skatistas* colocaram em ação disputas de poder entendido aqui como prática de ações possíveis que perpassa as relações entre sujeitos e instituições.

Por fim, vale ressaltar que as protagonistas trazidas à cena são as que, com maior ou menor intensidade, figuram nas fontes investigadas. São aquelas que se apoderaram de diferentes instrumentos para se tornarem visíveis, para produzirem-se a si mesmas, e assim, posicionarem-se como sujeitos de uma prática que lhes confere significação. Lembremos com Tânia Swain que

as próprias fontes expressam e são mediadas pelo olhar de seus autores. Isto não significa, como querem alguns, redução da realidade ao discurso, mas apenas a constatação que os indícios – impressos ou imagéticos – do real são incontornavelmente textuais, construídos de um lócus específico de fala, apesar de suas linguagens específicas. Estes indícios são, deste modo, também interpretações e a decodificação, que constrói uma realidade a ser narrada, se faz a partir de um lugar de sujeito, de uma perspectiva de gênero (2006, s.p.).

As fontes narradas e construídas pelas *skatistas* foram analisadas dentro dessa óptica. Não são tomadas aqui como “a verdade” mas como uma narrativa construída a partir de si mesmas, do lugar de onde falam e do intentam fazer ver. Em outras palavras: não são dados do real, mas construções discursivas acerca

do real. Construções que permitiram identificar não apenas silêncios, ausências e descontinuidades de informações mas, também, resistências, protagonismos e estratégias de visibilidade. Palavras que ao serem recitadas em diferentes tempos e espaços evidenciam o quanto o skate no Brasil, é atravessado por relações de poder; promovendo espaços, vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres sendo que para elas, diferente do que para eles, esse parece ser ainda um esporte em construção.

Skateboarding and women in Brazil: fragments of a constructing sport

ABSTRACT: Considering that skateboarding is represented as a practice that has been culturally associated with males, this research analyzes the poor visibility attributed to women in this sport in Brazil. The research, which is grounded on approaches of post-structuralist cultural and gender studies, discusses how discourses spread in Brazilian media about skateboarding have produced either what they name or what they fail to mention. The analysis of different kinds of documents has led us to identify skateboarding as being crossed by power relations, which foster distinct experiences, opportunities, and sociability for men and women. Differently from its status among men, skateboarding still seems to be a constructing sport for women.
KEYWORDS: Sport; gender; women.

Skate y mujeres en Brasil: fragmentos de un deporte en construcción

RESUMEN: Considerando que el skate es representado como una práctica culturalmente asociada a lo masculino, esa investigación analiza la poca visibilidad conferida, en Brasil, a las mujeres que de él participan. Para tanto, se fundamenta en vertientes de los estudios de género y culturales pós-estructuralistas para discutir como los discursos que circulan en los medios de comunicaciones brasileños torno del skate producen aquello que nombreen o que dejan de mencionar. Fueron analizados documentos de diferentes naturaleza los cuales posibilitaron identificar el skate es atravesado por relaciones de poder, promoviendo vivencias, oportunidades y sociabilidades distintas para hombres y mujeres siendo que para ellas, diferente de que para ellos, este parece ser aún un deporte en construcción.
PALABRAS-CLAVES: Deporte; género; mujeres.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M.; MORAES, F. A. de. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. *Revista Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, p. 2-28, jul./out. 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es903.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2008.

ARAÚJO, L. Evolução. *Check it out girls*, Los Angeles, v. 6, p. 1-3, dez. 1999.

BASTOS, A. Uma breve discussão sobre os esportes radicais do meio urbano e a educação física/educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: CBCE, 2005. p. 2.373-2.379.

BITENCOURT, V. et al. Esportes radicais e de aventura. In: DA COSTA, L. (Org.). *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 409-421.

BRACHT, V. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Orgs.). *Esporte, história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 191-206.

BRITTO, E. *A Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000.

CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAVES, C. Ano 2000. Não temos carros voadores, nem colônias em Marte, nem a Terra está cheia de robôs como predisseram muitos. Mas uma coisa é certa: nunca o skate bombou tanto quanto nessa virada de século. In: BRITTO, E. (Ed.). *A onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000. p. 12-18.

_____. *O skate na década de 70*. 2005. Disponível em: <<http://www.brasilskate.com/historia70.html>>. Acesso em: 13 mar. 2007.

DA COSTA, L. (Org.). *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

FIGUEIRA, M. L. M.; ALMEIDA, T. R. de. Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas. In: GOELLNER, S.; JAEGER, A. *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 119-132.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRAGA, A. B. *Corpo, identidade e bom-mocismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-152, abr./jun. 2005.

GONZÁLEZ, F. J. Esportivização. In: GONZÁLEZ, F. J. E.; FENSTERSEIFER, P. E. *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 170-174.

GRAEFF, B. B.; PETERSEN-WAGNER, R. Skate no Rio Grande do Sul. In: MAZO, J. Z.; REPPOLD FILHO, A. (Org.). *Atlas do esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. Disponível em: <<http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/index.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2006.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HAMM, K. D. *Scarred for life: eleven stories about skateboarders*. San Francisco: Chronicle Books, 2004.

HUMBERSTONE, B. Gender transgressions and contested natures. In: PEDERSEN; VIKEN (Eds.). *Nature & identity*. Norway: Norwegian Academic Press, 2003. p. 105-120.

JAEGER, A. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, S.; JAEGER, A. *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 133-148.

JENKINS, K. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.

JONES, K. Campeã Mundial. *Skate para Meninas*. 2005c. Disponível em: <<http://www.skateparameninas.com.br>>. Acesso em: 15 set. 2007.

LEINE, E. Três gerações do skate feminino. *Revista 100%Skate*, ed. especial aniversário de 10 anos, ago. 2006.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.; GOELLNER, S.; FELIPE, J. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 41-52.

MARIVOÉT, S. Assimetrias na participação desportiva: os casos de Portugal e Espanha no contexto europeu. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 53-70, maio/ago. 2003.

MACHADO, G. *Leni Cobra: a primeira campeã brasileira de Street Style*. 2006. Disponível em: <<http://www.skatecultura.com/2007/10/leni-cobra-primeira-campe-brasileira-de.html>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

MOURÃO, L.; SOUZA, G. C. de. Narrativas sobre o Sul-Americano de Judô de 1979. In: GOELLNER, S.; JAEGER, A. *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 103-118.

MURARO, C. Dando Ideias. *100%Skate*, São Paulo, ano 10, v. 81, p. 97-101, jul. 2005.

POCCIELO, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.

ROSE, G. *Visual methodologies – an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Publications, 2001.

SOUZA, A. M. A. de. *Evoluindo: mulheres surfistas na Praia Mole e na Barra da lagoa*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SWAIN, T. N. Os limites discursivos da história: imposição de sentidos. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, n. 9, jan./jul. 2006. Disponível em: <<http://www.unb.br:80/ih/his/gefem/labrys9/libre/anhita.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2007.

UVINHA, R. R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

Recebido: 9 out. 2008

Aprovado: 22 jan. 2009

Endereço para correspondência

Márcia Luiza Machado Figueira

Rua Garibaldi, 1.280/01

Porto Alegre-RS

CEP 90035-052